

IMPOSTO DE RENDA

O primeiro lote será liberado em 31 de maio, último dia do prazo para entrega da declaração. Especialistas dão dicas sobre a destinação do dinheiro extra

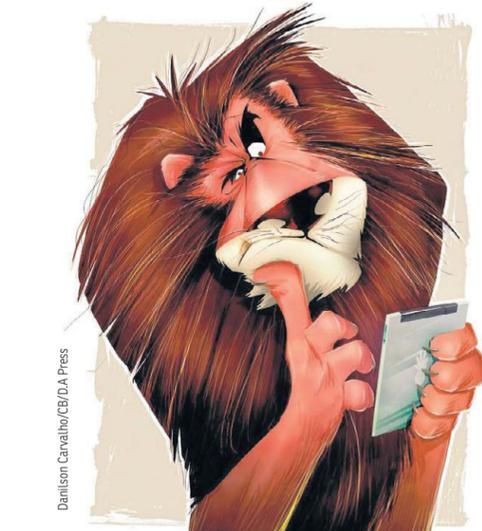
Restituição: dívidas devem ser prioridade

» FERNANDA STRICKLAND

O prazo está correndo para acertar as contas com o Leão, e muitos brasileiros já começaram a pensar no que fazer com a restituição do Imposto de Renda (IR). O primeiro lote será liberado em 31 de maio, último dia do prazo de entrega da declaração. O recebimento de um dinheiro extra sempre gera a dúvida: pagar as dívidas ou investir? Especialistas têm ressaltado que o nível de endividamento e inadimplência dos brasileiros é alto e, quem tiver dívidas, deve usar esse dinheiro para saná-las.

O número de cidadãos endividados no Brasil fechou 2023 com nova máxima histórica, como revelou recentemente a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Segundo a educadora financeira, Aline Soaper, em março e abril, 78,3% dos brasileiros estavam endividados, e 29,4% estavam inadimplentes. “A população está enfrentando dificuldade de sair da inadimplência em função dos juros elevados, que pioram as despesas financeiras”, comenta.

Soaper explica que se o valor for usado para pagar dívidas, as prioridades devem ser, por exemplo: conta de luz e água atrasadas, parcelas vencidas do condomínio, mensalidades atrasadas da escola dos filhos e demais contas básicas. Todas essas entram na lista de



Danilson Carvalho/CB/DA Press

prioridades. Segundo a educadora financeira, em seguida vêm as contas de consumo, que estão acumuladas no cartão de crédito, que têm os juros muito altos, e o cheque especial. Por último, se sobrar algum valor, vem o planejamento para fazer uma reserva de emergência ou investir.

Em 2023, cerca de 6 milhões estavam investindo em algum tipo de ativo na B3, Bolsa de Valores do Brasil. Para o especialista em investimentos Renan Diego, as pessoas estão buscando entender mais sobre os investimentos, mas ainda possuem muitas dúvidas. “Para quem

ainda não sabe como investir, usar o dinheiro da restituição é uma boa alternativa para começar, mesmo que seja pouca quantia.”

No ano passado, um levantamento revelou que 2 em cada 3 brasileiros iriam usar o dinheiro da restituição para quitar dívidas. Os dados da fintech de recuperação de crédito Acordo Certo, ligada ao Grupo Boa Vista, mostraram que pagar as contas da casa era prioridade para 31% dos entrevistados, e aplicar em investimentos, era a alternativa para 19% dos que receberam restituição.

“O dinheiro da restituição pode

ser usado para quitar dívidas específicas, adiantar alguma parcela ou para abater valores de alguma despesa que está consumindo a renda mensal. Com os juros elevados, quem tem dívidas, e não dá prioridade por pagá-las, acaba entrando em uma bola de neve. Se o contribuinte estiver sem dívidas, dá também para usar esses valores recebidos como uma reserva de emergência, que é um dinheiro que você vai guardar para bancar as despesas mensais fixas por um certo período de tempo”, diz Diego.

O especialista indica investimentos com a restituição do Imposto de Renda para quem não tem dívidas a pagar: “comece pelo Tesouro Selic ou pelo CDB (Certificado de Depósito Bancário) com liquidez diária, que são aqueles que você pode resgatar a qualquer momento. Isso porque, alguns bancos têm opções de rentabilidade de até 200% do CDB, se você investir por meio de uma corretora de investimentos”, afirma.

“Esse tipo de investimento possui, além da liquidez diária, diferentes tipos de liquidez, de acordo com o seu objetivo, sem contar que é muito mais rentável que a poupança. Para quem já tem uma reserva financeira, eu recomendo ir para a Bolsa de Valores, que é onde você vai conseguir multiplicar o seu dinheiro da restituição, começando por dois ativos diferentes para deixar a sua carteira de investimentos mais atrativa”, completa Diego.

Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

Ideia para viralizar

A campanha aberta pelo misto de empreendedor visionário com bate-bumbo da extrema direita global Elon “Posso Fazer o Quiser” Musk, conforme definição sarcástica de artigo da Bloomberg, poderá ser boa ao país, não ruim, como parece à primeira vista, se levar à tomada de consciência sobre o nosso brutal atraso tecnológico.

Os posts e vídeos do acionista controlador e executivo principal de empresas bem-sucedidas na fronteira tecnológica — da Tesla (fabricante de carros elétricos), à SpaceX (foguetes), Starlink (satélites de comunicação) e Neuralink (implantes de microchips) —, só reverberam no mundo digital e na imprensa tradicional graças a seu investimento fracassado no Twitter, hoje apenas X.

Com a rede social adquirida por uma avaliação irrealista em 2022 de US\$ 44 bilhões, sem nunca ter dado lucro e com receita ínfima, Musk a liberou de qualquer controle de conteúdo de seus usuários.

O que ele fez, quando o valor de mercado do X veio abaixo de US\$ 20 bilhões? Reincorporou contas excluídas de notórios movimentos de ódio, conspiracionistas, grupos nazistas e de pedófilos, e até de Donald Trump, empresário farsante que se alçou na política como disseminador de notícias falsas em dimensões siderais.

É uma rede tornada tóxica, vedada na China, submetida a controles na Índia e Turquia, multada na União Europeia. E é tóxica, porque o seu modelo de negócios se baseia na “economia da atenção” — quanto mais um post ou vídeo é visto e replicado, maior é a sua audiência, métrica para a venda de anúncios. Todas usam este recurso, só que algumas redes são menos acintosas na busca de atenção que o X.

Musk apelou à barbárie para excitar os algoritmos do X e vender publicidade com isso. Foi assim que tomou as dores de Bolsonaro e seu grupo, movendo campanha de difamação do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), acusado de tirano, e a alardear que o país vive sob uma ditadura. É o novo e velho cinismo dos oligopólios.

O lamentável é que o Brasil dispõe dos recursos tecnológicos para fazer frente aos sistemas que levam hackers chineses, russos etc. a interferir em eleições, como se provou na Inglaterra e EUA, e a dar asas aos picaretas sortidos. Nossos governantes têm de acordar.

X da questão é um Y nacional

Como empresário, o sul-africano radicado nos EUA desde que chegou para se graduar em Stanford é um investidor ousado. Como ativista político, é primário e, a seu modo e para quem gosta, divertido.

Parceiro de longa data e formulador dos planos de negócios de boa parte das investidas de Musk, Peter Thiel, um libertário convicto, não aguentou. Dois anos atrás, disse que se afastaria do amigo.

Se tratando do X, não se põe à mesa o que vem de Musk. Exceção foi a oportunidade que ele deu a nossos governantes e políticos para fazer o que se demanda de modo organizado desde 1994, e por esse escriba, na versão digital, desde 2010: a digitalização completa de todos os processos públicos e privados. O analfabetismo digital é impeditivo absoluto para qualquer projeto público e privado.

Como indicou no distante mês de junho de 2017 a Agenda Fiscal do BID, Banco Interamericano de Desenvolvimento: “Os novos modelos de negócios e as soluções digitais disruptivas em plataformas abertas constituem uma grande oportunidade para os países, ao mesmo tempo em que exigem adaptar os atuais mecanismos de gestão tributária e fiscal ao uso intensivo de dados na nuvem, Big Data, blockchain, data analytics, inteligência artificial e machine learning”.

A exceção de um punhado de atentos funcionários do governo, quase ninguém se interessou. Se tivesse atentado, o X teria um “Y” cujos dados dos brasileiros estariam no Brasil para lhe fazer frente.

Dados digitais são “bem comum”

Efeitos de rede transformam pequenas vantagens em avalanches. É o que se vê na propagação em ondas nas redes sociais de tolices a granel — os “memes”, expressão para o que viraliza na internet.

Quando empresas estão no controle dos dados, elas guardam com um grande zelo essas vantagens monetizáveis, de modo que fechar uma conta numa plataforma de rede (Instagram, Facebook, YouTube etc.) implica perder milhares de clientes ou seguidores.

É o que explica, em parte, porque o poder econômico, político e tecnológico no mundo se concentrou em poucas e grandes empresas, as big techs. Se essa tendência se consolidar, a web acabará ainda mais centralizada, com poucos comandando a inovação tecnológica. E fazendo gato e sapato das instituições dos países em que operam.

Alguns países tentam conter com regulamentação, ações antitrustes e vetos a novas aquisições no poder das bigtechs. O modelo da Ásia, mais pragmático e eficaz, contempla redes abertas e com softwares não proprietários, sustentado no conceito dos “meios partilhados para muitos fins”, e não fecha a porta para ninguém.

A professora Mariana Mazzucato, no estudo *O que é ‘público’ na Infraestrutura Pública Digital*, chama de “bem comum”. Esse é um caminho aberto ao Brasil. Sabemos fazer. Falta decisão política.

Dica aos líderes distraídos

O Brasil tem tudo para recuperar o atraso digital e fazer melhor que países mais avançados, como Índia e Indonésia. Graças à infradigital, a economia indiana foi a de maior crescimento nos últimos 14 anos e tende ao 5º maior PIB do mundo até o fim da década de 2030 (projeção do Banco Mundial, do Goldman Sachs, do JP Morgan).

Modestos ou distraídos, nossos “líderes” ignoram que um país que tem um meio de pagamento instantâneo como o Pix, toda a população com cadastros em vários bancos de dados públicos e, além disso, possui a maior operação de logística do mundo com os Correios não se pode queixar de agressões digitais de um bilionário doído.

Prova de que desconhecem o valor perdido pela indiferença digital é que 15 órgãos e ministérios cuidam de tecnologia da informação. “Cuidam” é modo de dizer. Em gestão, mais é menos por definição.

A provocação de Elon Musk fará sentido se nos levar a refletir, e a agir. Temos estruturas para fazer mais e melhor, além de gente qualificada. Como destaca Marc Andreessen, criador do browser de internet e cofundador da empresa californiana de capital de risco Andreessen Horowitz: “Sempre há pessoas excelentes mesmo nos sistemas mais quebrados”. Fica a dica aos cansados de mesmices.

PAULINHO SERRA

EM NI ULF N I C NADO!



O MAIOR FESTIVAL DE HUMOR DO CENTRO-OESTE

TEATRO DOS BANCARIOS

EQS 314/315 BRASÍLIA

10/5

SEXTA-FEIRA

21H

INGRESSOS DIGITAIS:



BILHETERIADIGITAL.COM



ESTRÉIA DE NOVO ESPETÁCULO

INFORMAÇÕES:

151461 98144
11461 9842516
CLASSIFICAÇÃO
ATINVIDAAPOIO DIGITAL: CORREIO
BRAZILIENSE

COMERCIALIZAÇÃO:

Hai

REALIZAÇÃO:

HAK